

CEMITÉRIO DE SANTA ISABEL DE MUCUGÊ: uma arquitetura peculiar que visa preservar a memória dos entes queridos (BA).

Maria Elizia Borges

FAV - UFG / CBHA

RESUMO: Uma análise iconográfica dos jazigos instalados no Cemitério de Santa Isabel (1855) situado na cidade de Mucugê, cravada na Chapada Diamantina, tombado pelo IPHAN em 1980. Uma das partes do cemitério contém túmulos instalados sobre pedras, construídos de tijolos, revestidos de reboco e caiados de branco seguindo um padrão muito singular, denominados pela população de “bizantino”.

PALAVRAS-CHAVES: Cemitério brasileiro, arquitetura peculiar, século XIX, Bahia.

ABSTRACT: An iconographic analyses of tombs of the Cemetery of Santa Isabel (1855), of the city of Mucugê, Bahia, in the depths of the Chapada Diamantina, registered as National Heritage by IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -, in 1980. The cemetery has tombs built up on the rocks, with bricks and stucco, painted in white, following a singular pattern of construction, named by the locals “Byzantine style”.

Key-words: Brazilian cemeteries, exotic architecture, Bahia, XIX Century.

A presente comunicação objetiva identificar aspectos das imagens visuais capturadas durante a pesquisa de campo, realizada no Cemitério de Santa Isabel, situado a noroeste da cidade de Mucugê, encravada na Chapada Diamantina, tombado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1980 (IPAC, 1980, v. IV, pp. 265- 266).

Historicamente, a cidade de Mucugê destacou-se por ser o berço do ciclo do diamante na região no início do século XIX. As Lavras Diamantíferas, segundo consta à história da região, foram descobertas pelo garimpeiro Cazuza do Prado, em 1844, quando passava pelo Rio Mucugê. A cidade está ainstalada numa baixada, contornada por grandes serras, grutas, abismos e

rios, distando 458 km de Salvador. Esta vasta extensão territorial pertencia anteriormente ao Sargento-Mor Francisco da Rocha Medrado, poderoso senhor de terras e de escravos desde os tempos provinciais. Seus descendentes ainda têm grande poder político e econômico na região.

Em 1822, os exploradores Spix e Martius já citavam a Serra do Sincorá, situada nos vales dos rios Paraguaçu e Contas. A região é hoje denominada de “polígono das secas”, e abrange os municípios de Andaraí, Barra da Estiva, Palmeiras, Piatã e Rio das Contas. Trata-se de uma topografia acidentada, que atravessa a Cordilheira da Chapada Diamantina e a Serra.

O município de Mucugê foi fundado oficialmente em 17 de maio 1847. Com o tempo, chegou a abrigar cerca de vinte e cinco mil pessoas originárias de Minas Gerais; de estrangeiros de origem árabe, judaica e francesa; e de centenas de escravos vindos da África. A prosperidade vivida na época fazia com que o Coronelismo local desfrutasse da arte e da moda européia, importando artigos de luxo como pianos, vestuários, porcelanas, enfim, objetos que ostentavam a riqueza proveniente do diamante.

Este crescimento urbano descontrolado causou também diversos problemas sociais, inclusive à ocorrência da epidemia de *Cólera Morbus*, e foi neste momento de grande mortalidade, que surgiu a necessidade da instalação do Cemitério de Santa Isabel em 1855, pela municipalidade.

O nome atual da cidade, oficializado em 1917, tem como origem uma fruta adocicada que cresce as margens dos rios da Chapada Diamantina – o mucugezeiro (*apocynaceae*) – nome indígena. Foi chamada anteriormente de Santa Isabel do Paraguaçu, depois de São João do Paraguaçu. A cidade passou a ser Comarca através do Decreto Lei no. 512, de 19 de junho de 1943.

Na década de 1870, a exploração do diamante entrou em crise, e a população local voltou a dedicar-se a criação de gado, ao cultivo do café e cereais, a venda de escravos, uma forma de compensar a escassez da pedra preciosa (FUNCH, 1997, p. 114).

Anteriormente, os sepultamentos ocorriam no interior das igrejas de São João Batista e de Santa Isabel, ou nas proximidades, conforme o costume nacional. O enterramento no interior das igrejas contrariava a Carta Régia de 1801, promulgada pelo Imperador D. Pedro I, em 1828, que proibia os

sepultamentos no solo das igrejas católicas e recomendava a construção de cemitérios extra-muros.

Na primeira metade do século XX, a região passou por uma decadência econômica, somada com a entrada do Movimento Revolucionário da Coluna Prestes em 1926, expulsando a seguir; que causou o êxodo populacional.

A economia local recuperou-se com a exploração dos campos de Sempre Viva, planta que tem cerca de 400 variações nos campos rupestres da região; com o agro negócio e com o turismo ecológico. Assim o Cemitério Santa Isabel tornou-se então um referencial turístico da cidade, dada a sua estrutura arquitetônica e sua paisagem privilegiada. Em 2007, o dado do recenseamento populacional fez uma estimativa de 14.131 habitantes no município.

Mucugê ainda conserva aspectos da cidade colonial, com suas ruas alongadas, casas de parede meia, janelas de madeira e telhados de duas águas. Alguns hábitos religiosos perduram como o ritual da Lamentação das Almas, que ocorre durante a quaresma; homens e mulheres desfilam pelas ruas da cidade envoltos em lençóis brancos, seguem o percurso até o Cemitério Santa Isabel, e lá, entoam cantos fúnebres no ato de encomendar as almas do lugar.

A construção do Cemitério de Santa Isabel foi definida pela Câmara Municipal da então Santa Isabel do Paraguaçu em 1º de outubro de 1855, em função da terrível epidemia de *Cólera Morbus* que assolava o Estado da Bahia, conforme citamos acima. O município criou uma comissão para definir o local ideal para se construir o cemitério público, que foi composta pelo médico Francisco de Paula Soares, pelo delegado e pelo vigário da cidade. Nesta escolha, fica claro a importância e a premência de se construir um cemitério secularizado. O lugar escolhido teria que ser “fora da cidade, longe de fontes d’água, em terrenos altos e arejados, onde os ventos não soprassem sobre a cidade”, seguindo assim, as normas higienistas implantadas no século XIX.

O local indicado, segundo consta na Ata, foi perto da “biguinha”, isto é, no sopé de uma das elevações da Serra do Sincorá. Pode-se visualizar o todo do cemitério pela estrada que passa em paralelo ao muro simples que limita a primeira parte do cemitério, abrigada num terreno de aluvião do Vale (MATTOS, 2008).

Na primeira parte estão instalados, de modo aleatório, os jazigos simples caiados de branco em formatos variados, e as covas rasas identificadas apenas pelas cruzes de madeira. Todas estas sepulturas estão entremeadas por um tipo vegetação denominada de Dracena, conhecida como Pau d'água. Não existe nenhum elemento que facilite a identificação dos túmulos.

Na segunda parte do cemitério, os jazigos estão sobre o terreno rochoso da encosta da Serra do Sincorá, alinhados horizontalmente, numerados sequencialmente, voltados para frente do cemitério, acompanhando a topografia da encosta da Serra (FIGURA 01). Estes patamares estão entremeados por valas repletas de vegetação nativa da região (flores do cerrado como os mandacarus, as sempre-vivas, os olhos de sogra, as samambaias).

Dentro desta visualidade espacial atípica – impacto do branco entre o verde e o cinza – evidenciam-se as distinções sociais daqueles que ali repousam em ambas as partes do cemitério. Num primeiro olhar, vê-se somente os jazigos instalados sobre as pedras. Eles são construídos de tijolos revestidos de reboco e caiados de branco, ornamentados com elementos arquitetônicos clássicos e medievais, designados pela população local de “bizantino”. A origem dessa denominação é desconhecida, e é assim que o cemitério consta no processo de tombamento do IPHAN.

Esta parte do cemitério agrupa formas reconhecidas pela historiografia da arte, todavia de um modo muito peculiar, que nós faz remeter a valores estabelecidos pela arquitetura vernacular, que carrega no seu bojo certo ar genuíno. Possivelmente ele está em conformidade com a religiosidade popular, e com ornatos facilmente reconhecidos pelos imigrantes que ali vieram em meados do século XIX. Cabe aqui, mediante a variação dos adornos levantados e de como estão inseridos nos jazigos, constatar a sua feição mediterrânea, e verificar a referência sacra no Cemitério Santa Isabel.

Há no topo de alguns jazigos, uma versão de *abóbada* que se emprega com frequência dentro da arquitetura religiosa. As *abóbadas de berço* convergem para um pilar arrematado por um pequeno pináculo, que tem a função de telhado da base do monumento, local da instalação dos caixões (Figura 02). As *abóbadas em barrete de clérigo* também estão assentadas na base, bem como os diversos modelos de *pirâmides*, que são em maior número.

Seriam estes túmulos/pirâmides de maçons mucugeenses? Sabe-se do vínculo desta instituição iniciática, filantrópica e educativa com a representação da cultura egípcia, e do emprego destes símbolos em seus túmulos. Havia então uma quantidade representativa de maçons na cidade?

Muitos jazigos da ala esquerda do cemitério utilizam a espessura do reboco para gravar em baixo-relevo: nas bases com formas geométricas; nas *colunas e pilastras* com flores estilizadas; nas versões de *arcos ogivais e romanos* com gregas geométricas e florais. O panorama geral do cemitério causa certo estranhamento ao espectador por agrupar certos elementos decorativos como os *coruchéus*, colocados na parte superior das construções sob a forma de pequenas pirâmides, e de pináculos, que remetem ao formato do pinheiro – árvore da vida.

As bases dos túmulos seriam as representações de uma outra variante de urna funerária? As colunas ou pilares que sustentam os arcos teriam a função de arrematar a urna ou de instalar um tipo de teto originário do mediterrâneo? Desde a instalação do cemitério os construtores optaram por este tipo de padrão estilístico?

A ala direita do cemitério concentra uma série de jazigos de porte mais simples. São pequenos cubos passíveis de guardar apenas uma urna funerária. Alguns possuem uma frontaria análoga a de uma igreja de frontão triangular, às vezes identificada pela cruz latina. Os construtores estariam aqui miniaturizando as fachadas das igrejas de São João Batista e de Santa Isabel?

O Cemitério Santa Isabel é desprovido de escultura funerária, e existem poucos relevos esculpidos nos moldes da figuração clássica. Há, todavia um modelo de jazigo coberto por *modilhões* – elementos da mísula em forma de S alongado – e que se reproduz até nos dias atuais no Cemitério de Igatu, ao lado da Capela de São Sebastião, distrito de Andaraí (FIGURA 03). Uma tentativa do lugarejo de tornar-se também referência através de seu cemitério. Caberia fazer uma pesquisa em outras cidades da região para saber se a tipologia é recorrente.

Em que medida o conhecimento artístico e cultural dos dirigentes de Mucugê contribuiu para a consolidação dos jazigos de relevante interesse arquitetônico? Mesmo sem aprofundar esta questão, pode-se afirmar que a iniciativa da população local em encaminhar o processo de tombamento foi um

avanço para cultura do Estado da Bahia, pois, existem poucos cemitérios tombados no país. Aqui, se preza pela originalidade do conjunto arquitetônico cemiterial.

Dada à relativa homogeneização visual dos jazigos instalados na encosta da Serra do Sincorá, teríamos como traçar uma linha cronologia dos monumentos? Pela numeração dos jazigos, percebe-se que o cemitério foi ocupado em função dos patamares da encosta da Serra do Sincorá, de baixo para cima, e algumas vezes construídos de forma geminada. Poderíamos também considerar os epitáfios, mas eles são escassos, e os mais antigos datam de 1909 e 1915. Caberia questionar as feições da ala direita e esquerda, e afirmar que os construtores atuais seguem o modelo já estabelecido pelos túmulos já existentes, por se tratar de um espaço reconhecido como patrimônio nacional.

Enfim, trata-se de um cemitério secularizado em pleno funcionamento. A especulação turística da região poderá considerar os cemitérios de Igatu e de Mucugê como “lugares de memória diferenciados”, pois, não seguem o padrão estético e topográfico implantado nos demais cemitérios do país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FUNCH, Roy. Um Guia para o visitante da Chapada Diamantina. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo: EGBA, 1997.

MATTOS, Cibele de; ALMEIDA, Rafaela Caroline Noronha; DOURADO, Marília. Cemitério de Mucugê em busca de uma identidade. Goiânia: III Encontro da ABEC, UFG, 2008.

MUCUGÊ. Disponível em; [http:// www.wikipedia.org/wiki/mucug%C3 %AA](http://www.wikipedia.org/wiki/mucug%C3%AA). Acesso em: 30 agosto. 2008.

MUCUGÊ. Disponível em; [http:// www.ferias.tur.br/informações/853/ mucuge-ba.Html](http://www.ferias.tur.br/informações/853/mucuge-ba.Html). Acesso em: 30 agosto. 2008.

SPIX, Johann B.; MARTIUS, Carl F. Viagem pelo Brasil. Vol.2. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

MARIA ELIZIA BORGES:

É professora Associada de História da Arte na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora do CNPq. Ministra aulas no Mestrado em Cultura Visual - FAV/ UFG e no Doutorado em História – FFCH/ UFG. Tem artigos publicados no país e no exterior sobre arte funerária no Brasil. Livros publicados: *A pintura na “Capital do Café”: sua história e evolução no período da Primeira República*. Franca: UNESP/Franca, 1999; *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002. Integra o Comitê Brasileiro de História da Arte, a Associação Brasileira de Críticos de Arte, a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, a Association for Gravestone Studies; a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Site: artefunerariabrasil.com.br. E-mail: maelizia@terra.com.br.